

Eleições, Copa e retomada de investimentos trabalham a favor de um ano que tem tudo para apresentar elevado índice de expansão do PIB, acima até das apostas mais otimistas

Um 2010 que promete

HEBERTH XAVIER

A frase é do influente jornal britânico *Financial Times*: "O Brasil será a grande história de 2010". Sabe-se que jornalistas e especialistas se enganam frequentemente – sobretudo quando se metem a fazer apostas na economia. Mas desta vez não há razão para ser pessimista. Pelo contrário, uma série de fatos e eventos trabalham a favor de fazer de 2010 um ano que promete para a economia brasileira.

Logo de cara, cabe lembrar que o ano que vem tem Copa do Mundo de futebol e eleições. Dois eventos que despertam o interesse de todos e que, por isso mesmo, movimentam muito dinheiro. É ano também de retomada dos números positivos na economia, inflados até pela base de comparação fraca – tudo será comparado a 2009, um ano que, como se sabe, o Produto Interno Bruto (PIB) não aumentará muito mais do que 1%, devido à crise econômica mundial. Por fim, será no ano que vem que o país começará de fato a sentir o impacto crescente das obras previstas para a Copa no Brasil (em 2014) e, ainda em menor escala, as Olimpíadas no Rio (2016).

Como costuma ocorrer, as projeções médias dos analistas ainda não detectaram fortemente esse movimento. Mas já começaram. Em maio do ano passado, a pesquisa que o Banco Central faz toda semana com o mercado financeiro (historicamente conservador) mostrava

uma estimativa de expansão do PIB de apenas 3,3%. Com o surgimento de boas notícias e a percepção de que o pior da crise já era passado, esse número foi aumentando. O último levantamento, feito na semana passada, fala em um PIB 4,7% maior em 2010. Percentual que certamente crescerá nos próximos meses.

A legislação eleitoral apertou o controle sobre os gastos dos governos em anos eleitorais. Mas os fatos mostram que a eleição continua sendo um fator a inflar o PIB. "Os dados mostram claramente um crescimento da renda em anos de eleições em relação à situação observada nos demais períodos", diz Marcelo Néri, economista e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), autor de estudos sobre a influência eleitoral no crescimento da renda.

Um marqueteiro político ouvido pelo Estado de Minas calcula que um candidato com chances de vitória no pleito para governador deverá investir pelo menos R\$ 25 milhões na campanha. Ele não quis fazer o cálculo para a eleição presidencial, mas não precisa pensar muito para estimar que esse valor pode ser multiplicado por quatro, pelo menos. Nas últimas eleições, o candidato Lula (PT) e o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSDB) fixaram limites de despesa de R\$ 89 milhões e R\$ 85 milhões, respectivamente. O valor exato é impossível calcular, pois, como se sabe, há as receitas "não contabilizadas" ou, em bom português, o caixa dois nas campanhas, admitido pelos próprios partidos.

Cerca de 10 segmentos da economia não diretamente impactados pela disputa eleitoral, envolvendo agências de publicidade, aluguel de comitês, eventos promocionais, pesquisas, contratação de cabos eleitorais, jornalistas, publicitários, sociólogos (ou cientistas políticos ou sociais), alimentação desse pessoal e confecção de brindes. O economista Délio Moreira, da Universidade Federal de Goiás, é outro que estuda o impacto econômico das campanhas. "A campanha eleitoral é um negócio que envolve a propaganda e pesquisa da mesma maneira que um empreendimento comercial", afirma.

O pós-crise também ajudará 2010. Com o agravamento da turbulência econômica a partir de setembro, o PIB deste ano pagou o pato. No Brasil, estima-se uma expansão em torno de apenas 1% este ano. A crise paralisou negócios e, com isso, investimentos. Da mesma forma que 2009 ficou com a sobra, 2010 ficará com o banquete. Importantes segmentos industriais já anunciam a retomada dos investimentos. A indústria de base, que inclui principalmente a siderurgia, papel e celulose, química, petroquímica e cimento, tem a liderança desse movimento. Não por acaso foram os segmentos que tive-

ram o maior baque com a crise.

No mês passado, a liberação de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para compra de máquinas e equipamentos superou R\$ 2,6 bilhões – quase 40% mais que o emprestado no mês anterior. "O fim dos ajustes de estoques levaram o uso da capacidade instalada em alguns setores a quase o limite", diz o economista Bernardo Wjuniski, da Tendências Consultoria. Em outras palavras, significa que as empresas se viram diante do dilema: ou investem para aumentar a produção ou deixam de aproveitar o fim da crise. A escolha delas, como se vê, foi pela primeira opção.

Ano de Copa também ajuda a economia brasileira. E não apenas pelos reflexos diretos na venda de artigos, bebidas e camisas, entre outros. Veja o exemplo da Marcopolo, empresa brasileira que exportou 40 carrocerias para ônibus destinados à África do Sul, onde ocorrerá o evento em 2010. Para a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016, ambos no Brasil, estima-se projetos que alcançarão, no total, cerca de R\$ 500 bilhões nos próximos cinco anos – novamente, 2010 será beneficiado.



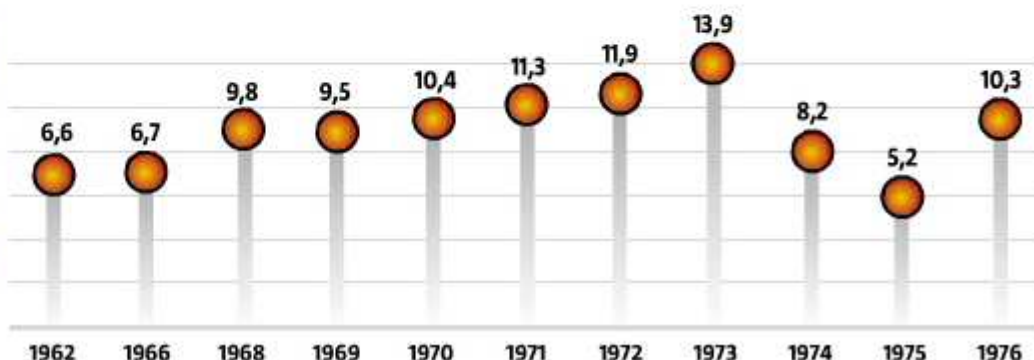
Fábrica da Usiminas, em Ipatinga: indústria de base lidera a retomada dos investimentos no pós-crise

ACIMA DA MÉDIA

QUANDO A ECONOMIA BRASILEIRA CRESCEU MAIS DE 5%

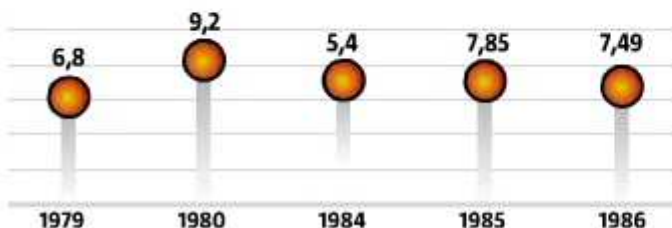
Último ano do período conhecido como "milagre econômico", marcado pelo elevado investimento e pelas grandes obras em infraestrutura, como a Ponte Rio-Niterói

CUSTÓDIO COIMBRA/AGÊNCIA O GLOBO - 27/10/97



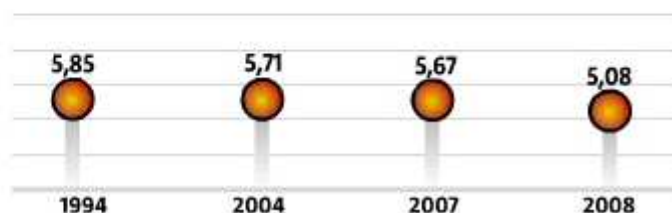
Nesse período, a inflação alta, de dois dígitos a cada mês, levava a índices de crescimento artificiais. Na época, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, lançou o Plano Cruzado. A euforia inicial, porém, não foi suficiente para impedir o fracasso posterior

PESTANA JUNIOR/DIVULGAÇÃO - 3/12/86



Depois de amargar baixos índices de expansão, o PIB volta a crescer acima de 5% por dois anos seguidos. A incorporação de mais pessoas ao mercado de consumo passa a ser a impulsionadora econômica do país

RENATO WEIL/EM/D.A.PRESS - 5/9/09



O QUE VAI IMPULSIONAR O PIB**BASE FRACA**

- A crise econômica mundial jogou para baixo o PIB brasileiro este ano. Ainda que as estimativas venham melhorando nos últimos meses, não há como imaginar um crescimento muito maior do que 1%. O PIB do próximo ano, portanto, será comparado a essa base fraca. Esse efeito estatístico já será observado no comportamento do PIB no atual trimestre, uma vez que será comparado ao início da crise, em 2008.

**COPA'2010**

- Grandes eventos costumam ajudar a economia. Setores como o de bebidas têm mais motivos para comemorar, mas acabam levando, em efeito cascata, outros segmentos. Se o Brasil vencer na África do Sul, melhor: segundo um estudo do banco ABN - Amro, a confiança despertada pelo triunfo na Copa representa um acréscimo de 0,7% no PIB do vitorioso.

**COPA'2014**

- A realização da Copa no Brasil daqui a cinco anos já renderá pontos para a economia em 2010. Na Alemanha, cujos investimentos ficaram em torno de US\$ 10 bilhões, o impacto no PIB foi da ordem de 0,5 ponto percentual nos anos que precederam o evento. No Brasil, a expectativa é de impacto mais elevado, já que as necessidades do país exigem investimentos maiores.

**ELEIÇÕES**

- As tais receitas "não contabilizadas" pelos partidos tornam impossível medir o real impacto das campanhas na economia, mas ninguém duvida de que ele existe. A movimentação de dinheiro extra ajuda gráficas, agências de marketing, empresas de eventos, atividades profissionais como sociólogos, jornalistas, publicitários, além de gerarem boa oferta de emprego temporário em atividades como a de panfletagem.

**BOLSA-FAMILIA**

- O governo confirmou o reajuste de 9,68% no valor do benefício do programa assistencial. Levantamento do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), de São Paulo, indica que um aumento de 10% no repasse médio per capita do Bolsa Família leva a uma expansão de 0,6% do PIB - no ano em que ocorre o acréscimo e também no seguinte.

**RETOMADA DE INVESTIMENTOS**

- Nesse caso, a crise do fim do ano passado e deste ano também ajuda a criar um efeito estatístico e, por que não, também psicológico. Vários segmentos industriais, impactados pelas notícias da turbulência internacional, cancelaram investimentos. Vários demitiram. Agora, com a economia se normalizando, os aportes estão sendo retomados. Só no BNDES a linha para aquisição de máquinas chegou a R\$ 2,6 bilhões no mês passado. São investimentos que trarão impacto sobretudo no PIB do próximo ano.

